

## SAÚDE AMBIENTAL A PARTIR DA REVEGETAÇÃO DE MATA CILIAR EM ÁREA URBANA

### ENVIRONMENTAL HEALTH FROM THE RETIREMENT OF MATA CILIAR IN URBAN AREA

**Prof. Dr. Winston Kleiber de Almeida Bacelar**  
Instituto de Geografia/Universidade Federal de Uberlândia  
[winston.bacelar@ufu.br](mailto:winston.bacelar@ufu.br)

#### RESUMO

A ocupação das margens do Rio Bagagem no município de Estrela do Sul remonta ao início do século 18. Assim, suas margens e leito serviram para uma miríade de aventureiros, posseiros e proprietários de imóveis que margeiam seu curso, perseguissem o sonho da riqueza proporcionada pelo garimpo de diamantes. Concomitante a este fenômeno de faiscação ocorre a ocupação das margens, tanto urbanas como rurais, de atividades de pecuária e em menor escala de agricultura. O garimpo e a agropecuária durante séculos alteraram a fitopaisagem das matas ciliares e a APP do rio Bagagem, mais incidentalmente em sua área urbana, pois que além das atividades econômicas ali desenvolvidas ainda veio a ocupação com residências e seus quintais. A recuperação de vegetação ciliar em ambientes urbanos é um desafio para a sociedade e representa uma nova abordagem para a área da Saúde, especialmente para as suas subáreas: a Saúde Coletiva e a Saúde Ambiental. Estas subáreas da Saúde tratam do tema sob o ponto de vista da construção da Cidade Saudável, visto que esta temática dentro pode ser abordada a partir da compreensão de que a saúde do homem está intimamente atrelada à saúde do ambiente.

**Palavras-chave:** Saúde Coletiva. Saúde Ambiental. Revegetação. APP Urbana.

#### ABSTRACT

The occupation of the banks of the River Bagagem in the municipality of Estrela do Sul dates back to the beginning of the 18th century. Thus, its banks and bed served a myriad of adventurers, squatters and real estate owners who marched their course, pursuing the dream of wealth provided by Diamond mining. Concomitant to this phenomenon of faiscação occurs the occupation of the margins, as much urban as rural, of activities of cattle raising and in smaller scale of agriculture. The garimpo and the agricultural and livestock industry for centuries altered the phytoplankton of the riparian forests and the APP of the river Bagagem, more incidentally in its urban area, since in addition to the economic activities developed there still came the occupation with residences and their yards. The recovery of ciliary vegetation in urban environments is a challenge for society and represents a new approach to the area of Health, especially for its subareas: Collective Health and Environmental Health. These subareas of Health deal with the theme from the point of view of the construction of the Healthy City, since this theme within can be approached from the understanding that the health of man is intimately tied to the health of the environment.

**Keywords:** Collective Health. Environmental Health. Revegetation, Urban APP.

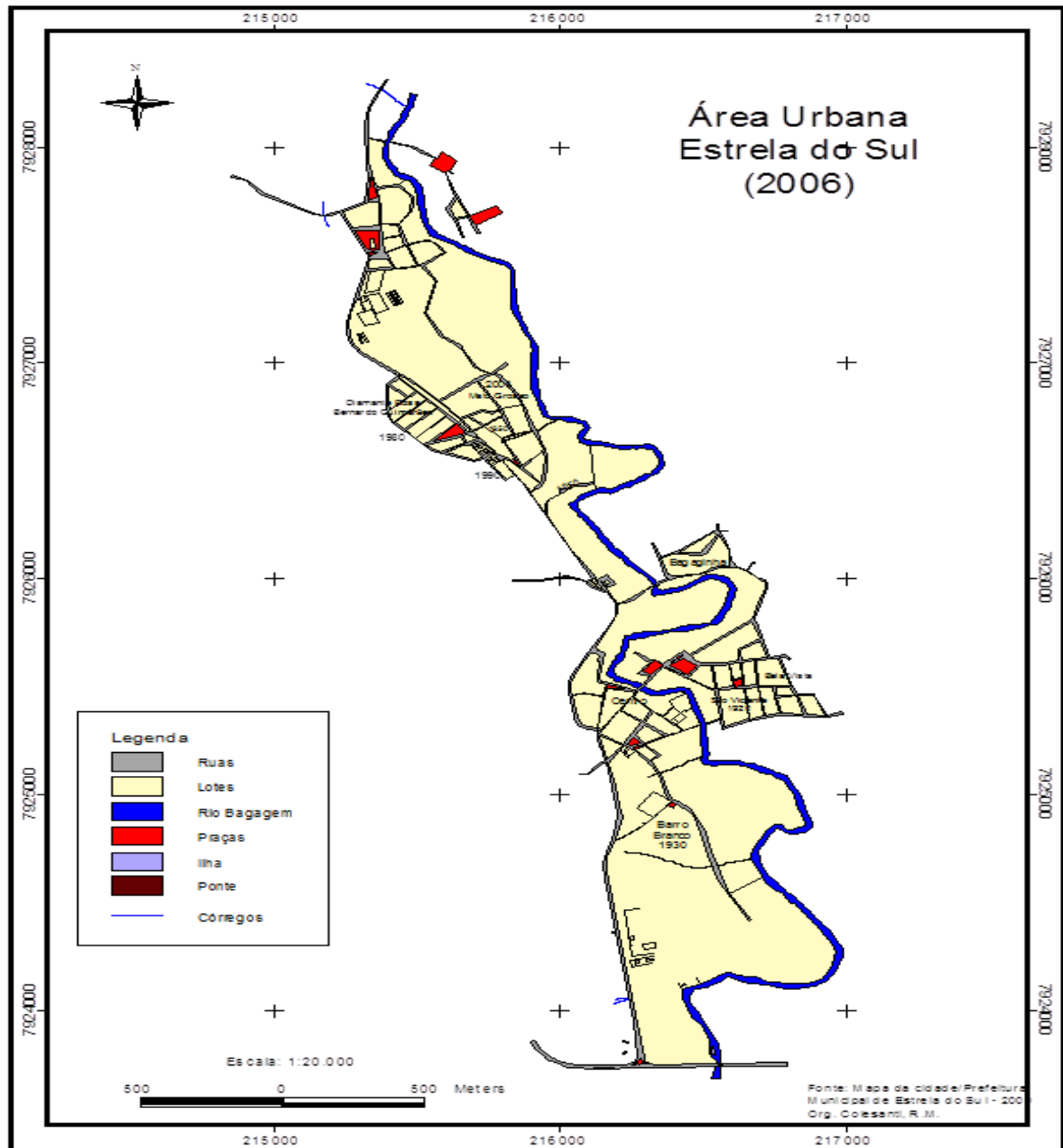
---

<sup>1</sup> Este texto faz parte do Projeto APQ-02896-11 "ESTRELA DO SUL- MG, TERRA DO DIAMANTE E DA UTOPIA: revitalização e recuperação de áreas degradadas das margens do rio Bagagem em seu curso urbano" com apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

## INTRODUÇÃO

O interessante traçado urbano de Estrela do Sul reflete a sua inicial ocupação enquanto área de exploração de diamantes de aluvião. O desenho urbano da sede municipal segue as sinuosas linhas do rio Bagagem, ocupando e envolvendo parcialmente este rio em suas margens aluvionais e também abraçando seus contornos e meandros, como pode ser observado no mapa a seguir:

Mapa 1 – Área central do distrito sede de Estrela do Sul, 2016



A ocupação produtiva das margens de um rio em área de um centro urbano sempre desperta preocupação. Esta preocupação é centrada em vários aspectos e um deles é o ambiental. A mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba conta com rios de variada vazão hídrica como o Paranaíba (fazendo divisa dos estados de Minas Gerais e Goiás) e o rio Grande (fazendo a divisa natural entre os estados de Minas Gerais e São Paulo), o rio Araguari e também o rio Bagagem. Este rio que serve de caminho para a expansão da malha urbana do distrito sede de Estrela do Sul é “abraçado” pelas casas e lotes que, na maioria das vezes substituem a sua APP (Fotografia 1).

Fotografia 1 – Área central do distrito sede de Estrela do Sul, 2016



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2016.

Este “abraço” das ocupações urbanas e produtivas nas margens urbanas do rio Bagagem foram realizadas em nome da produção econômica e possuem um custo ambiental e humano altos. São vastas áreas de agropecuária e, no caso das margens do rio Bagagem, ainda tem o garimpo do diamante. Nestes casos além da perda da vegetação e dos solos em si, tem-se ainda a perda da biodiversidade florística e faunística, alterações nos cursos de água (com as viradas e os recuados ao longo da história) produzindo desequilíbrios em várias espécies animais (em especial no tocante à ictiofauna) e vegetais e um desequilíbrio gritante no meio ambiente urbano com implicações na Saúde Ambiental da cidade e da Saúde da população urbana como um todo. Vastas áreas que margeiam o rio Bagagem foram devastadas ao longo dos séculos, como pode ser vislumbrado na imagem a seguir (Fotografia 2).

Fotografia 2 – Área urbana ao largo do rio Bagagem em Estrela do Sul utilizada para o Garimpo do diamante, 2000



Fonte: Google Earth, 2000. Org.: Bacelar, W.K.A, 2016.

Assim, o fator desenvolvimento econômico propiciado e a construção de novas formas e maneiras de se mitigar ou mesmo amenizar ao extremo tais impactos, são produzidas ao longo dos anos. Várias são as novas formas de geração de renda e produção de lazer ao largo de rios urbanos como o rio Bagagem. A pesca, o turismo rural, o lazer, dentre outros são construídos socialmente e são também propostas socioambientais exequíveis.

### **A OCUPAÇÃO DA AAP URBANA E A DEGRADAÇÃO DA SAÚDE AMBIENTAL**

Ao largo das margens urbanas e periurbanas do rio Bagagem no município de Estrela do Sul, tornou-se comum a atividade dos empreendimentos residenciais, agropecuários e mineradores que se alojam nas áreas de proteção ambiental legal denominadas de Áreas de Proteção Permanente (APP). Também as segundas residências e as chácaras de lazer (sejam comerciais ou de famílias) tornaram-se uma marca na paisagem das margens do rio Bagagem ao longo do tempo. Vários são os motivos dessa ocupação desordenada que é realizado tanto por empresas do setor minerador, pequenos garimpeiros, bem como por fazendeiros que utilizam as margens do rio Bagagem em suas terras para a aguada da tropa de animais (cavalos e bois). O fato é que em sua maioria são ilegais, pois ocupam áreas da APP's estabelecidas e definidas em normas e regras do CONAMA e fiscalizadas pelo IBAMA e pela polícia Ambiental e que foram delimitadas pelos antigos e atuais proprietários de terras do município (Fotografia 3).

Fotografia 3 – Área urbana do rio Bagagem no distrito sede de Estrela do Sul sem APP, 2016



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2016.

A redução da Saúde Ambiental, a perda de biodiversidade e a alteração na qualidade dos solos e das águas nas áreas de ocupação antrópica localizados na Área de Proteção Permanente (APP) definida pelo Plano Diretor do município de Estrela do Sul são aspectos visíveis dos desequilíbrios encontrados nestas áreas anteriormente delimitadas como vegetações remanescentes e passíveis de intervenções pontuais de revegetação e reflorestamento. Assim, a Saúde Ambiental na faixa territorial considerada como Área de Proteção Permanente (APP) do rio Bagagem em sua porção urbana a situação ambiental das áreas de vegetação remanescente e das vegetações ciliares foi, por um período de dois anos (20011 e 2012) foco de nossas preocupações.

A área da bacia do rio Bagagem, incluindo todo o município de Estrela do Sul está inserida no bioma Cerrado, sendo constituída em sua maioria de vegetações ricas em biodiversidade animal e vegetal. Além, do contexto mais geral Cerrado, observa-se no relevo altamente encaixado e dissecado do vale do Rio Bagagem, a presença de vegetações de matas galerias, matas de transição e pequenas e esparsas faixas de vegetação latifoliada Atlântica. Assim, a área comporta uma rica e biodiversa fauna e flora, constituída ao longo de milhares de anos e que se encontra em risco de extinção comprometendo de vez a Saúde Ambiental local.

O projeto de revegetação das margens urbanas do Rio Bagagem se justificou pela necessidade premente de se monitorar, de maneira mais criteriosa, as ações humanas para com isto minorar os possíveis impactos ambientais inerentes à expansão das atividades humanas sobre espaços urbanos que margeiam o rio Bagagem (Fotografia 4).

Fotografia 4 – Área degradada de APP após retirada de solo e cascalho para garimpo de diamante ocupada pela água freática, 2016



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2016.

Esta ocupação de áreas de entorno do rio Bagagem representa, em grande medida, uma tentativa de buscar lazer e contato com a natureza e em maior escala uma “fuga” dos modos da modernidade de uma cidade e também como fonte de renda, seja pela atividade agropecuária como pelo garimpo do diamante. O ecossistema que domina o Brasil Central é “inundado” por este tipo de capital.

O maior fluxo capitalista pós década de 1970 cria, nas últimas três décadas do século XX, no cerrado, uma área altamente modificada (urbano, agropecuária etc.) e isto se amplifica no Triângulo Mineiro. Nas áreas do cerrado, a agroindústria potencializa o “Celeiro do Mundo” com produtos voltados para o mercado interno e, especialmente, para o externo. Essa modificação e modernização pós 1970, no campo do cerrado, cria no Triângulo Mineiro uma nova rede técnica, o que incrementa as relações de produção capitalista, agora orientadas pelo urbano do Cerrado. O fator Cerrado, no caso do estado de Minas Gerais, confunde-se com sertão, com os “Gerais” e, com isso, funde-se à paisagem do Triângulo Mineiro.

O cerrado, em Minas Gerais e especialmente no Triângulo Mineiro, foi transformado, transfigurado de paisagem em área, em espaço-produção. Local da pecuária “pé-duro”<sup>3</sup>, do capim canela-de-ema e demais gramíneas resistentes e cortantes, do milho e arroz das pequenas propriedades de subsistência; da mandioca e do feijão produzido em pequenas fazendas, onde a casa tem o “pé direito”<sup>4</sup> do tamanho do dono, moldada para e pelo dono, de poucas janelas com a “tramela”<sup>5</sup> sempre aberta. Casa de “pau a pique”<sup>6</sup>, da moldura caipira, adobe<sup>7</sup> ou rancho de folhas de coqueiro “Baguaçu”<sup>8</sup>.

<sup>3</sup> Trata-se de um gado resistente, mas de pouca produtividade.

<sup>4</sup> Expressão arquitetônica para designar a altura do piso até o teto máximo da casa.

<sup>5</sup> Forma artesanal de fechadura. Utiliza-se um pedaço de madeira, para trancar portas e janelas em construções mais rudimentares; fechadura de madeira.

<sup>6</sup> Técnica artesanal de construção de moradias onde se entrelaçam bambus, a amálgama é feita de barro e excremento de vaca.

<sup>7</sup> Tijolo artesanal feito de barro e esterco de vaca que fica secando ao sol até ganhar consistência sólida.

<sup>8</sup> Ou babaçu. Coqueiro encontrado nos cerrados de maneira esparsa de onde se retira a folha para o teto das rústicas moradias e também se extrai o óleo comestível de suas castanhas.

Fogão a lenha feito de tijolo ou adobe e a chapa sempre quente. Fogo aceso como o tempo. Chapa para derreter o queijo Minas e esquentar e derreter o requeijão, feito da sobra do leite do queijo. O “burraio”<sup>9</sup> para assar a batata doce e a castanha do caju (de vez em quando o milho). Fogão à lenha para a galinha caipira com arroz solto, tutu e quiabo.

Os cerrados são os “Gerais”, representando o modo de vida que se vai, lento para os padrões da produção capitalista, rápido como o “rastio” de pólvora ou “corrida de burro chucro”<sup>10</sup> para os demais. O cerrado foi e ainda é, em alguns locais, a essência dos “Gerais”. Do gosto do melado de cana com mandioca nas tardes com o pôr do sol avermelhado, lindo. Vermelho como o chão das chapadas, vermelho do hidróxido de ferro das tapiocangas<sup>11</sup> do cerrado.

O sertão não virou mar, mas “mares” de capim “Brachiara”<sup>12</sup> com o gado “internacionalizado”, como os Zebuínos (oriundos da Índia a exemplo do nelore), Holandês, Jersey etc.; é o cerrado da globalização. Dos “sulistas”<sup>13</sup> e suas fazendas novas, sem estilo, sem história. Junto à modernização do campo e apagam a casinha do café a toda hora com pão de queijo. Retiram da paisagem a imagem da fumaça das pequenas chaminés. Em seu lugar, erguem silos, cata-ventos para retirar água do lençol freático, constroem sequeiros de café de cimento, a casa “estilo” caixote paranaense. Introduzem ainda o trabalho familiar de 18 horas/dia, sem hora para a “sesta” (ou quimo) e a conversa no beiral da janela (não tem janela e nem a tramela, apenas o “vitro”), sem tempo, sem vida, só produção.

Este modo de vida que acaba rapidamente definha na mesma proporção do aumento e da modernização dos campos do cerrado. Com o “Pivô Central”<sup>14</sup>, com a máquina de colher café, com os poços artesanais e a colheitadeira que são a marca da paisagem agrícola do cerrado, assistimos ao fim de um modo de vida caipira no campo dos “Gerais”.

Assim, a ocupação das áreas de relevo mamelonado e das chapadas gera a expulsão de parcela da população do campo para a cidade. O modo de vida rural migra junto. Diante desta constatação, as cidades do cerrado passam a ser o último reduto deste modo de vida. Trata-se de um modo de vida que se desenvolveu/assentou no campo e agora resiste em áreas ao largo de entorno de rios urbanos, assim como o rio Bagagem em Estrela do Sul nas residências fixas e ou nas residências que funcionam como segunda residência ou mesmo chácaras de recreio nestes “Gerais” modificados.

A modernização agrícola avassaladora não só expulsa o caipira, o pequeno agricultor, mas expulsa o modo de vida rural para as áreas de entorno de rios urbanos dessas cidades do cerrado, que passam a viver e reproduzir uma dialética do novo e do antigo (vide fotografia 5).

A área ocupada ao largo de rios urbanos de pequenas cidades como Estrela do Sul é um refúgio do modo de vida urbano. Ser refúgio do modo de vida urbano e, ao mesmo tempo, ansiar pelas benesses sócio-econômicas trazidas com o moderno não implica necessariamente um desajuste. Significa, antes de tudo, necessidade, a necessidade de compreender que nem sempre o moderno é sinônimo de imposição, podendo também significar adaptação ao novo. Este não implica imposição de um modo de vida pelo qual nem todos em uma cidade estão ansiando. Devemos encarar que, nas cidades, aquilo que está à margem do modelo economicista vigente, é sempre exposto como resistência. Porém, nem sempre esta é uma resistência ao moderno, e sim, ao modelo de modernidade imposto pelo discurso economicista, representando uma opção a um estilo de modernidade imposta no discurso economicista.

<sup>9</sup> Borrvalho, restos de cinzas da madeira queimada nos fogões à lenha.

<sup>10</sup> Animal sem adestramento geralmente muito arreado.

<sup>11</sup> Cascalho resultante da laterização do ferro encontrado nos solos do cerrado. Processo de salinização comum em solos tropicais em que a alta taxa de capilarização e lixiviação expõe o ferro livre no solo. Este, em contato com a água, reage e oxida. Posteriormente estes óxidos de ferro viram hidróxidos, isto é, a laterita, ou ladrilho do solo. Este solo laterizado, ou cascalhado, torna-se muito duro.

<sup>12</sup> Capim oriundo da África tropical. Altamente resistente aos rigores do ambiente tropical semi-úmido com seus solos ácidos e arenosos. Este capim representa uma planta exótica, ou seja, não é endógeno ao Brasil e assim não encontra resistência biológica e se alastra como uma verdadeira praga sobre o cerrado eliminando os capins nativos desta região.

<sup>13</sup> No cerrado, os sulistas são todos os provenientes do sul do país. Tanto os autênticos representantes do estado do Rio Grande do Sul como também os paranaenses, catarinenses e mesmo os paulistas.

<sup>14</sup> Técnica de irrigação muito utilizada no cerrado. Consiste de uma imensa haste giratória que fica aspergindo água enquanto este gira sobre seu eixo.

Fotografia 5 – Lixão da cidade de Estrela do Sul em área de antiga extração e solo e cascalho para garimpo de diamante localizado na APP do rio Bagagem, 2016



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2016.

As opções de estilo de vida podem e devem ser encaradas como uma opção ao modelo de modernidade economicista, que preconiza o fim da diversidade, dos espaços amplos, da cultura como forma de vida, do tempo lento, característico das áreas rurais. Ora, esse tempo lento representa um desafio à modernidade economicista, pois é um estilo de vida, em que o ciclo da natureza é mais importante que o relógio e os calendários da modernidade. O ciclo da natureza, em uma área rural, funde-se ao modo de vida e regula seu tempo, mostrando que nem todos querem se “adaptar” a certos maneirismos da modernidade e que nem todas as áreas têm que ser iguais, já que a modernidade também é cheia de diferenças.

As populações residentes (e resistentes) que escolhem pequenas cidades do cerrado para sua residência e/ou área de lazer e descanso em finais de semana, esperam e procuram em sua maioria, na atualidade, no local, um reflexo distorcido do que foi o Brasil quando era um país essencialmente agrícola.

A partir da década de 1950 e, especialmente, nas últimas décadas do século XX e início do XXI, observa-se um intenso processo de ocupação das margens urbanas e periurbanas do rio Bagagem em Estrela do Sul. Tal ocupação intensifica um processo antigo, desde o início do século XIX estas áreas vêm sendo ocupadas pela agropecuária e pelo garimpo. Contudo, como as técnicas são rudimentares os espaços alterados são muitos e poucos ao mesmo tempo. São longas faixas ao largo do vale do rio Bagagem que são reviradas e alteradas, mas o volume ainda é pequeno.

Como dito o novo convive com o velho. As rudimentares locações provisórias (Fotografia 6) dos garimpeiros contrastam com o equipamento cada vez mais moderno e rápido quanto à retirada de solo e de cascalho. As máquinas de retirada de solo e cascalho fazem atualmente o trabalho de dezenas de trabalhadores manuais de antigamente. As máquinas de lavar o cascalho (denominadas Gigas – fotografia 7) lavam um montante de cascalho que, manualmente levariam vários dias ou semanas.



Fotografia 6 – Residência provisória de garimpeiros em APP do rio Bagagem, 2016



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2016.

Fotografia 7 – Máquina “Giga” de lavagem de cascalho de garimpo de diamante, 2016



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2016.

Com a modernização das técnicas e a intensa mecanização do processo de retirada de vegetação e solos, os espaços se ampliam bem como o volume de áreas alteradas. Os problemas advindos desse processo modernizador pós década de 1950 são visíveis no tecido urbano e periurbano das margens do rio Bagagem. A retirada e contaminação dos solos e das águas, a perda de biodiversidade, a alteração de nichos ecológicos e consequentes perdas de diversidade biológica e o comprometimento da Saúde Ambiental, entre outros, são os “prejuízos” desse processo secular (Fotografia 8).

Fotografia 8 – Monte de cascalho retirado em área de APP do rio Bagagem, 2016



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2016.

A retirada do solo, da vegetação nativa e do cascalho é um ato de devastação sem igual, pois que não se refaz o estrago ambiental ou repõe o material retirado, tanto o inorgânico como o orgânico, como pode ser visto na fotografia 9, o estrago permanece por muito tempo e vai lentamente sendo incorporado à paisagem como sendo constituinte dessa desde priscas eras.

A revegetação realizada em áreas previamente analisadas coaduna com o monitoramento dessas mesmas áreas que possibilitarão um melhor estudo e dimensionamento sobre a ocupação humana nesta área, e assim, possibilitar uma melhor adequação dessas áreas aos fatores da legislação em vigor e servir de instrumento para os órgãos públicos e privados no equacionamento de possíveis desvios do Plano Diretor do município de Estrela do Sul e sua proposta para a ocupação da área das margens do rio Bagagem mitigando os efeitos nefastos dessas ações sobre a Saúde Ambiental e, consequentemente, para a Saúde do Homem. Outra contribuição foi no sentido de demonstrar a possibilidade de outras formas de ocupação e uso das águas e dos solos das margens do rio Bagagem, pois ao identificar áreas de degradação ambiental e da biodiversidade florística, possibilitamos com precisão, quais as áreas propensas à recuperação e as que merecem maiores cuidados no aspecto da Saúde Ambiental, ou seja, sanitário e ambiental para propor medidas mitigadoras de possíveis impactos ambientais.

Fotografia 9 – Área de extração de vegetação original, solos e cascalho para garimpo de diamante em APP urbana do rio Bagagem, 2016



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2016.

## METODOLOGIA E RESULTADOS

A tentativa de revegetação das áreas de AAP urbana do rio Bagagem na cidade de Estrela do Sul foi realizada em dois momentos. O primeiro momento foi marcado pela parceria técnica da Universidade Federal do Uberlândia (Instituto de Geografia/UFU) com a FAPEMIG (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais). A estes dois entes veio se juntar a CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais) com a doação de mudas de espécies nativas do bioma cerrado e das matas ciliares (APP's) de rios desse ecossistema. (Fotografia 10)

Estes órgãos agregaram forças com as escolas (Estaduais e municipais) e entidades (Federais, Estaduais - como a APAE -, e municipais) do município (Fotografia 11). Tal tarefa foi a de uma intensa estrutura de ensino e de Educação ambiental em que os gestores e os discentes das instituições envolvidas fizeram um trabalho conjunto em que o plantio de mudas foi apenas uma parte do projeto de revegetação da APP urbana do rio Bagagem.

A participação ativa dos alunos do ensino fundamental e do médio da cidade de Estrela do Sul foi de grande valia no sentido da colocação em prática aquilo que havia sido discutido por nós em sala de aula e nos workshops realizados com os alunos e os gestores das instituições participantes. A cooperação maciça dos discentes e docentes no plantio e guarda das mudas doadas pela CEMIG utilizadas na revegetação das áreas anteriormente analisadas e escolhidas foi relevante. A utilização dos discentes para tal tarefa foi intencional no sentido de que a ação por eles realizada os torna coparticipantes de um processo que tenta resgatar séculos, décadas de devastação produzida pelos seus antepassados nas margens do rio Bagagem para o garimpo de diamantes. Estes discentes são filhos, netos e bisnetos de pessoas que fizeram o garimpo no município de Estrela do Sul (Fotografias 12, 13 e 14).

Fotografia 10 – Carro da Universidade Federal de Uberlândia com as mudas doadas pela CEMIG, 2013



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2013.

Fotografia 11 – Alunos do ensino fundamental participantes do Projeto, 2013



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2013.

Fotografia 12 – Discentes do ensino fundamental II da Escola Estadual Robert Kennedy, 2013



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2013.

Fotografia 13 - Discentes do ensino fundamental II da Escola Estadual Robert Kennedy plantando mudas, 2013



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2013.

Fotografia 14 - Discentes do ensino fundamental II da Escola Estadual Robert Kennedy plantando mudas, 2013



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2013.

A segunda parte do projeto consistiu na doação de parte das mudas ofertadas pela CEMIG ao projeto de revegetação das margens urbanas do rio Bagagem na cidade de Estrela do Sul. Esta ação de reconstrução ambiental e que envolve atitudes de revitalização da Saúde Ambiental consistiu em três partes: uma primeira com a doação de mudas a discentes do ensino fundamental I do município, após uma breve palestra sobre o projeto, que tivessem casas com quintais dentro da APP do rio Bagagem e assim ficassem a cargo deles e de seus responsáveis (pais e/ou responsáveis legais) o plantio e o cuidado para com as mudas (fotografia 15); uma segunda parte que foi a doação e mudas à população em geral na praça central da cidade de Estrela do Sul (fotografia 16). Esta fase foi muito bem recebida pela população em geral; e uma terceira parte constituída pela doação dirigida aos produtores rurais que quisessem revegetar suas APP do rio Bagagem e de córregos tributários desse rio maior. Essa foi uma fase do projeto que nos chamou muita atenção devido ao grande número de produtores rurais que tivemos que cadastrar e atender. Tal fato reside na força das leis ambientais que obrigam estes produtores a se adequarem ao novo código florestal bem como na compreensão cada vez maior dessas pessoas - fato frisado em nossas palestras e workshops -, de que a Saúde de sua família depende cada vez mais da Saúde Ambiental, pois para o homem que reside no local, no bairro, ou seja, no lugar em que o problema existe, a saúde do homem depende cada vez mais do ambiente em que este está inserido.

Fotografia 15 – Doação de mudas a discentes do ensino fundamental I do município de Estrela do Sul, 2012



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2013.

Fotografia 16 – Doação de Mudas no centro da cidade de Estrela do Sul, 2012



Fonte: Bacelar, W.K.A, 2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, concluímos que o projeto ora financiado pela FAPEMIG foi de suma importância para a atividade de extensão de professores e discentes dos cursos de Graduação em Geografia e de Gestão em Saúde Ambiental da Universidade Federal de Uberlândia. Propiciou atividades de extensão, apoio técnico e muito mais importante: educação ambiental e ações concretas de exercício de Saúde Ambiental. Além disso, proporcionou uma nova maneira de encarar os processos ambientais históricos. Propiciou um interessante debate sobre os papéis de cada um no processo de ocupação dos espaços, dos territórios e dos ambientes realizados pelo homem de hoje e de antes. O papel de nossos antepassados na produção econômica dos territórios e quanto somos também responsáveis pelas gerações vindouras como também pelas gerações anteriores, representadas por nossos antepassados diretos e indiretos. Todos somos responsáveis pela sociedade que queremos ter e queremos para nossos descendentes. Todos somos parte interessada no processo saúde-doença. Todos somos responsáveis pelas moléstias que acometem o Homem, pois que a Saúde do Homem depende da Saúde Ambiental. Para isto temos que entender de vez que todos estamos numa mesma redoma circular/redonda em que não existe escapatória: um planeta, um só meio ambiente, um só recipiente.

## REFERÊNCIAS

- ADRIANO, J. R., et all. A construção de cidades saudáveis: uma estratégia viável para a melhoria da qualidade de vida? In: **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 5 (1), 2000, p. 53-62.
- BACELAR, W. K. A. **Os mitos do “sertão” e do Triângulo Mineiro: as cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas teias da modernidade**. Uberlândia: Ed. Compooser, 2003, 211p.
- VITAL, G. T. D.; FONSECA, M.L.P.F.; CALDERARI, E. S. **Plano Diretor Participativo de Estrela do Sul: o Turismo como Estratégia de Desenvolvimento Sustentável**. Texto mimeo. Extraído de <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT1-464-413-20100903202417.pdf> em outubro de 2016.